

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

SAMYLLE RIBEIRO PEREIRA DA SILVA

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

**MACEIÓ
2019**

SAMYLLLE RIBEIRO PEREIRA DA SILVA

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção na nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Mônica Sales

MACEIÓ
2019

SAMYLLLE RIBEIRO PEREIRA DA SILVA

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 23/05/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Patrícia da Silva Sales

Comissão Examinadora



Profa. Dra. Mônica Patrícia da Silva Sales (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Silvana Paulina de Souza (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Maria Dolores Fortes Alves (CEDU/UFAL)

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

Samylle Ribeiro Pereira da Silva
samylleribeiro@hotmail.com

Mônica Patrícia da Silva Sales
monica.sales@cedu.ufal.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender as concepções que orientam as práticas pedagógicas em Classe Hospitalar. Trata-se de um estudo de caso que teve como referência metodológica a pesquisa qualitativa. O estudo foi realizado em uma Classe Hospitalar de um hospital privado, localizado no Estado de São Paulo (o hospital também recebe pacientes do sistema único de saúde - SUS), a classe hospitalar é especializada em atender pacientes oncológicos pediátricos que devido ao tratamento de saúde ficam impossibilitados por tempo (in) determinado de frequentar a classe de ensino regular. Com a colaboração de pedagogas que atuam neste ambiente de ensino, a coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada, tendo como foco compreender as concepções de classe hospitalar que orientam as práticas pedagógicas. Os resultados, ainda que exploratórios, evidenciaram que as práticas pedagógicas em sua maioria são fundamentadas na humanização, da perspectiva da educação e do cuidado, com o propósito de ajudar na promoção do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes hospitalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Pedagógicas. Classe Hospitalar. Pedagogia Hospitalar.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand the conceptions that guide pedagogical practices in Hospital Class. This is a case study that had as methodological reference the qualitative research. The study was conducted in a Hospital Class of a private hospital, located in the State of São Paulo (the hospital also receives patients from the single health system - SUS), the hospital class is specialized in attending pediatric oncology patients that due to health treatment are unable for a given (in) time to attend regular school. With the collaboration of pedagogues who work in this teaching environment, data collection was done through a semi-structured interview, with the aim of understanding the hospital-class conceptions that guide pedagogical practices. The results, although exploratory, showed that pedagogical practices are mostly based on humanization, from the perspective of education and care, with the purpose of helping to promote the integral development of hospitalized children and adolescents.

KEYWORDS: Pedagogical Practices. Hospital Class. Hospital Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Discutir as práticas pedagógicas em Classe Hospitalar¹ é um tanto quanto desafiante, visto que são concepções que vêm se construindo entre os estudiosos. Cientes que o trabalho pedagógico neste contexto é uma perspectiva pertinente e necessária, já que se trata de um atendimento especializado para atender as demandas educacionais das crianças e adolescentes afastados do convívio escolar, devido à hospitalização. Com base na Secretaria de Educação especial - SEESP (2002), as Classes Hospitalares caracterizam-se como ambientes planejados para favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para esses estudantes, no âmbito da educação básica, respeitando as capacidades e necessidades educacionais especiais de cada indivíduo.

Diante do exposto, o presente artigo tem como foco compreender as concepções de classe hospitalar que orientam as práticas pedagógicas neste contexto, e para alcançar tal objetivo desenvolvemos um estudo de caso realizado em uma Classe hospitalar de um Hospital do Estado de São Paulo, por meio de entrevistas com pedagogas que atuam neste ambiente pretendemos analisar a relação desses profissionais com a Pedagogia Hospitalar², identificar o perfil do pedagogo para atuar em classe hospitalar e assim apontar os limites e possibilidades das práticas pedagógicas nesta perspectiva de ensino.

Levando em consideração a importância de atender o aluno com necessidades educacionais especiais em situação de internamento hospitalar, esta pesquisa buscou embasamento teórico nos estudos de Mutti (2016), traz reflexões sobre políticas públicas que sustentam o atendimento pedagógico ao aluno em tratamento de saúde e a formação docente; a análise das autoras Tinée e Ataíde (2012) que buscam verificar a atuação do pedagogo em classe hospitalar; Matos (2010) a qual discute os estudos em torno dos atendimentos pedagógicos prestado ao escolar hospitalizado³, entre outros autores que se referem à

¹ Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (SEESP, 2002, p.13).

² Quando falamos da Pedagogia Hospitalar o foco é, primeiramente, o pedagógico, o curricular, diferentemente das atividades apenas de recreação existentes em ambientes hospitalares como os doutores da alegria, contação de história e outras atividades que se fazem presentes nesse ambiente (MUTTI, 2016, p.59). É um trabalho especializado, amplo, que vai além da escolarização e visa levar a criança hospitalizada a compreender seu cotidiano hospitalar, visto que o conhecimento pode contribuir para o bem-estar físico, psíquico e emocional da criança internada. (TINÉE E ATAÍDE, 2012, p. 06).

³ O escolar hospitalizado é o mesmo estudante que frequenta as escolas comuns, a única diferença é que está passando por tratamento de saúde que o impossibilita de frequentar a escola. (MATOS E MUGIATTI, 2009, p. 32).

temática. Bem como, a legislação brasileira no que diz respeito à garantia da Pedagogia Hospitalar.

Com isso, podemos pensar o hospital como um espaço de educação, portanto, de atuação para o pedagogo. Mais do que isso, considerá-lo como um lugar de encontros e transformações que o torna um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos escolares hospitalizados. Neste estudo cabe ressaltar que conforme previsto na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, artigo 205, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Isto garante que as crianças e adolescentes, mesmo em meio ao tratamento de saúde, possam dar continuidade aos seus estudos. Segundo Matos (2010), em 1995 podemos considerar um marco para justiça e para educação, a criação do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, permitindo a elaboração e aprovação da Resolução n. 41/95, em especial o artigo 9 que trata da inclusão escolar no ambiente hospitalar: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar”.

Como podemos observar, a referida resolução ressalta o direito à saúde e a educação da criança e do adolescente hospitalizado. Em 1996, a legislação em vigor, recebe o expressivo reforço da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, que no artigo V, prevê: “O atendimento educacional será efetivado em escolas, classes ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comum de ensino regular”. Ou seja, a classe hospitalar é uma alternativa que garante o processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos, que devido ao tratamento de saúde ficam impossibilitados de frequentar a classe de ensino regular.

O interesse da pesquisa se deu antes de ingressar no Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, através de uma experiência pessoal onde acompanhei e participei durante meses da rotina da minha filha em tratamento de saúde, em um hospital do Estado de São Paulo, no qual havia Classe Hospitalar e, portanto, atuação do pedagogo neste ambiente. Ao observar o trabalho pedagógico desenvolvido no Hospital percebi a importância que ele tinha sobre a vida e o tratamento de saúde dos pacientes pediátricos, em especial da minha filha.

Os escolares em tratamento de saúde vivenciam dificuldades para frequentar a escola de ensino regular e necessitam de um atendimento pedagógico especializado para dar continuidade aos seus estudos. De acordo com as autoras Tinée e Ataíde (2012), a classe hospitalar é uma modalidade educacional alternativa de manutenção escolar para as crianças e/ou jovens em período de internação hospitalar, portanto esta forma de atendimento é de suma relevância social, pois é por meio dela que se estará assegurando o direito à escolarização de diversas crianças e adolescentes, que por uma situação adversa da vida, teve seu processo de ensino-aprendizagem interrompido e, além disso, contribui de uma forma mais ampla no desenvolvimento e recuperação desses sujeitos:

O trabalho pedagógico realizado nos hospitais apresenta diversas formas de atuação e tem estado sob o olhar de diferentes observadores que tentam compreender, explicar e construir um modelo desse novo segmento educacional. A esse trabalho realizado em hospitais por profissionais de educação chamamos de *Pedagogia Hospitalar* – que é um trabalho especializado, amplo, que vai além da escolarização e visa levar a criança hospitalizada a compreender seu cotidiano hospitalar. (TINÉE; ATAÍDE, 2012, p. 06)

É sob esta perspectiva que os pedagogos estão atuando nos hospitais, atendendo à criança e o adolescente em suas especificidades educacionais e estabelecendo uma interação dialógica e afetiva, que certamente vem contribuindo para que estes sujeitos superem mais rapidamente seus problemas de saúde. Tem se tornado cada vez mais evidente a necessidade da presença destes profissionais nos hospitais. E para essas novas práticas pedagógicas, há especificidades de saberes e competências em que os pedagogos precisam estar qualificados e preparados para atuar nesse contexto. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade: “Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia” Libâneo (1999, p.51).

Ainda de acordo com Mutti (2016), o atendimento realizado pelos profissionais da educação, que trabalham no contexto hospitalar, em cooperação com os múltiplos profissionais da saúde, modifica o estado de saúde das crianças e adolescentes que estão hospitalizados. Tendo em vista a compreensão dessa realidade em 1950, no Brasil, foi criada a primeira classe hospitalar no Estado do Rio de Janeiro. Ainda na década de 50 surgiu em São Paulo os primeiros atendimentos pedagógicos hospitalares, um marco em âmbito nacional dando vazão à Pedagogia Hospitalar em nosso país. Desde então o atendimento pedagógico hospitalar vem se ampliando, porém de forma lenta.

O eixo dessa pesquisa será o atendimento pedagógico em classe hospitalar, neste contexto os pedagogos necessitam estar qualificados para atuar nessa nova perspectiva de ensino, que há especificidades diferenciadas da classe de ensino regular. A presença de pedagogos em hospitais, conforme aponta os estudos, é um tema que se encontra em construção. Por meio das reflexões aqui apresentadas, destacamos a relevância deste tipo de atuação e a complexidade que a envolve, para isso traçamos um percurso para a pesquisa de campo, no qual caracterizamos e analisamos aspectos considerados importantes no estudo da temática.

2 PERCURSOS DA PESQUISA

Percorremos alguns caminhos com base na fundamentação metodológica para responder ao objetivo geral dessa pesquisa, que é compreender as concepções de classe hospitalar que orientam as práticas pedagógicas. Por meio de uma abordagem qualitativa, este estudo preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O presente artigo teve como referencial metodológico o estudo de caso, ou seja, o estudo de uma realidade local e suas especificidades. Gil (2007, p. 58) conceitua o estudo de caso como um estudo aprofundado sobre objetos que podem ser um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento. O estudo de caso permite, conforme Gil (2007), que o objeto estudado tenha preservada sua unidade, mesmo que ele se entrelace com o contexto onde está inserido, que sejam formuladas hipóteses e teorias, permitindo a explicação de variáveis em situações ainda que complexas.

Tendo em vista a metodologia aplicada neste trabalho, o espaço de pesquisa será o contexto da atuação do pedagogo em Classe Hospitalar, possibilitando abranger as dimensões das concepções e práticas pedagógicas neste ambiente. A coleta de dados se deu por meio da entrevista semiestruturada que conforme Gil (2007) constitui um instrumento no qual

organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, porém permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal. Segundo Minayo (2001) a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo, através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores, ela não significa conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos pelos atores enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Deste modo, ainda de acordo com a autora citada, compreendemos que a pesquisa corresponde a uma inquietação do pesquisador em relação àquilo que ele pensa saber sobre algo, ou a algo que o incomoda, gerando uma tensão que o leva a buscar a essência do fenômeno. Fenômeno este que, ao mesmo tempo em que lhe causa certa estranheza, também lhe é familiar, pois faz parte da realidade vivida. Com base no percurso para realização desse estudo, caracterizamos alguns pontos pertinentes à temática, são eles: o campo (Classe Hospitalar), os sujeitos da pesquisa (Pedagogos que atuam em Classe Hospitalar), como também a trajetória dessa pesquisa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Elegemos como campo de pesquisa a Classe Hospitalar de um hospital do Estado de São Paulo, especializada em atender os pacientes oncológicos pediátricos e considerada uma referência nacional em Classes Hospitalares. O Hospital escolhido para o estudo acerca da temática possui classe hospitalar há mais de 30 anos, ela foi criada desde 1987 pela fundadora do Hospital e uma pedagoga. Desde 2009, esta unidade de ensino também promove um curso de Extensão em Pedagogia Hospitalar, no qual qualifica novos profissionais capacitados a atuar na área em outras instituições.

A unidade escolar dentro do hospital é especializada em atender os pacientes pediátricos em tratamento oncológico, cujo objetivo é garantir a continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes em situação de internamento, com oportunidades de inclusão escolar e perspectiva de futuro. Conta a gerente educacional da Instituição: "Nossa proposta é instigar a criança e o jovem a terem um olhar crítico a partir da avaliação do que aprendem, com base em determinados critérios que possibilitam ao aluno paciente idealizar o seu projeto de vida", de acordo com a gestão do hospital a Classe Hospitalar tem como missão zelar pelo

direito a aprendizagem escolar dos pacientes oncológicos pediátricos oferecendo uma proposta pedagógica estabelecida pelas diretrizes básicas:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assevera que, para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino (art. 5º, § 5º), podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem (art. 23). Dentre as circunstâncias que exigem formas alternativas de acesso e organização do ensino, estão aquelas que caracterizam a produção intelectual no campo da educação especial. Para os educandos com necessidades educacionais especiais, os sistemas de ensino deverão assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às suas necessidades (art. 59). (SEESP, 2002, p. 09)

De acordo com o Hospital, em 2017, 2.020 pacientes foram atendidos na unidade de ensino. O Hospital recebe pacientes provenientes de todas as regiões do Brasil, como também da América Latina. O trabalho pedagógico desenvolvido na classe hospitalar se assenta numa educação humanizadora, trabalhando valores como liberdade, solidariedade, justiça e altruísmo. Carinhosamente essa unidade é chamada de Escolinha da Pediatria, ela se tornou referência nacional em Classes Hospitalares, sendo a primeira escola em instituição hospitalar privada do país, apesar de ser da rede particular o hospital também atende uma porcentagem de pacientes pelo Sistema Único de Saúde - SUS.

Segundo Mutti (2016), apesar de ser um assunto e uma realidade desconhecida, por grande parte da população, em particular dos pesquisadores em educação, essa área de atuação pedagógica tem grande importância, pois visa dar um atendimento educacional especializado aos escolares hospitalizados que passam por exclusão do espaço formal escolar por causa do tratamento de saúde. Ou seja, aproximando-o do contexto pedagógico e oferecendo a eles uma expectativa melhor de vida.

Conforme Matos (2010), o espaço físico dentro do hospital destinado a tal trabalho educacional necessita estar preparado para atender os escolares hospitalizados. O planejamento, a programação e a preparação de pedagogos são necessários para um bom desempenho profissional em um espaço que integra educação e saúde. Ainda com base na autora, muitos documentos e leis foram criados, mas poucos entraram em ação verdadeiramente para transformar a condição da criança e ou adolescente brasileiro hospitalizado.

A Classe Hospitalar do Hospital analisado funciona nos turnos matutino e vespertino, com as modalidades da Educação Infantil ao Ensino Médio. Caracteriza-se por

uma classe multiserriada, pois atende vários alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes, a sala é bem estruturada e planejada, tanto nos seus aspectos físicos e didáticos, quanto ao corpo docente e gestão educacional. As professoras da rede pública municipal e estadual da educação básica dão as aulas com um projeto pedagógico especialmente desenvolvido para os alunos durante o tratamento oncológico, a iniciativa é desenvolvida em conjunto com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Para responder os objetivos específicos da pesquisa, nos quais seria analisar a relação dos pedagogos com a Pedagogia Hospitalar, identificar o perfil desses profissionais para atuar em classe hospitalar e apontar os limites e possibilidades das práticas pedagógicas nesse ambiente, entrevistamos duas pedagogas que atuam na classe hospitalar analisada. A atuação deste profissional tem como princípio o atendimento pedagógico especializado, prestados aos escolares hospitalizados. A partir da entrevista semiestruturada realizada com as pedagogas, foi possível desenvolver uma análise acerca da compreensão das concepções de classe hospitalar que orientam as práticas pedagógicas.

As pedagogas entrevistadas são contratadas através de uma parceria do Hospital com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação do Estado de São Paulo e abrange da Educação Infantil ao Ensino Médio. Com base em um projeto pedagógico especialmente desenvolvido para atender os alunos durante o tratamento de saúde, o objetivo da parceria do Hospital com as Secretarias de Educação é valorizar a formação das crianças e dos adolescentes hospitalizados e também ajudá-los no retorno e na reintegração ao convívio escolar de ensino regular, conforme Matos (2010, p.85):

Sendo assim, faz-se necessário um trabalho harmonioso entre os múltiplos profissionais que atuam em contexto hospitalar, pois cada um tem sua contribuição e valor neste processo de cura do enfermo; sendo um estímulo para a sua recuperação e a retomada à sua vida social. (MATOS, 2010, p. 85).

Neste sentido, a autora destaca a relevância do trabalho multiprofissional em classe hospitalar, ou seja, da interação e participação da equipe de saúde e da equipe pedagógica para o desenvolvimento dos educandos hospitalizados. Conforme a Instituição de Ensino pesquisada, o reconhecimento como referência nacional em classe hospitalar é fruto do

trabalho conjunto de professores, pedagogos, médicos e multiprofissionais da área da saúde, que atuam com dedicação, afetividade e comprometimento.

Com intuito de proteger a identidade dos sujeitos entrevistados, eles serão indicados como pedagoga Carmem⁴ e pedagoga Aparecida⁵ da Classe Hospitalar. As duas entrevistadas relataram em comum que foram contratadas a partir de uma inscrição realizada na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, elas são funcionárias do Estado, estão vinculadas a uma escola sede do Estado e que por meio de uma parceria do Estado com o Hospital elas são encaminhadas para atuar na classe hospitalar. As pedagogas têm uma carga horária de trabalho de 19 horas semanais e atuam juntas na classe hospitalar estudada.

A Pedagoga Carmem tem 33 anos, formada em pedagogia atua como docente há 11 anos e há 4 anos atua na classe hospitalar analisada, sua maior experiência foi com o público da Educação infantil, na qual trabalhou durante 8 anos no CEI - Centro Educacional de Educação Infantil. Já a pedagoga Aparecida, tem 32 anos, fez o magistério em 2004, em 2009 se formou em pedagogia e tem uma especialização na Educação Inclusiva, completou 15 anos de docência e atua há 7 meses na Classe Hospitalar analisada, ela contou que sua experiência maior foi com o público da Educação Infantil sob a perspectiva da inclusão escolar e que essa experiência e qualificação lhe serviram como um suporte para atuar em classe hospitalar.

Podemos observar durante a visita e entrevista na classe hospitalar, que as professoras são bastante receptivas e atenciosas com os escolares e seus familiares, há uma boa interação e respeito recíproco com a equipe da área da saúde. As pedagogas entrevistadas trabalham na mesma sala, atendendo os educandos com vários níveis educacionais simultaneamente, desenvolvendo métodos pedagógicos, com base nos referenciais teóricos desta pesquisa, que contempla todos os alunos e respeitando as especificidades de cada um.

2.3 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O interesse da pesquisa se deu antes de ingressar no Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, através de uma experiência pessoal onde acompanhei e participei durante meses da rotina da minha filha em tratamento de saúde, em um hospital do Estado de São Paulo, no qual havia Classe Hospitalar e, portanto, atuação do

⁴ Com intuito de proteger a identidade da entrevistada, indicaremos pelo nome fictício – Carmem.

⁵ Com intuito de proteger a identidade da entrevistada, indicaremos pelo nome fictício – Aparecida.

pedagogo neste ambiente. Ao observar o trabalho pedagógico desenvolvido no Hospital percebi a importância que ele tinha sobre a vida e o tratamento de saúde dos pacientes pediátricos, em especial da minha filha. Esse fato me impulsionou a inscrever-se no curso de Pedagogia.

Em 2014, ao iniciar o curso de Pedagogia pela UFAL, numa análise da matriz curricular do curso, observei que não havia nenhuma disciplina específica na área de Pedagogia Hospitalar, porém durante a formação acadêmica outras disciplinas como, por exemplo, Trabalho e Educação, Projetos integradores, Estágio Supervisionado, abriram às discussões acerca da atuação do pedagogo em espaços não-escolares e foi a partir dessa vertente que iniciamos os estudos no contexto hospitalar e por meio dessa experiência o presente trabalho foi desenvolvido.

No percorrer da formação acadêmica, realizamos uma pesquisa de campo orientada pelas disciplinas de Trabalho e Educação e Projetos Integradores, no qual buscávamos conhecer pedagogos que atuassem em espaço não-escolar, por meio dessa questão direcionamos nosso estudo à classe hospitalar, e após pesquisar alguns principais hospitais com alas de pediatria na cidade de Maceió/AL, não encontramos classes hospitalares e, portanto tivemos dificuldade para entrevistar profissionais da educação atuando nesse contexto. O que encontramos foram alguns projetos sociais, fundados por equipe multiprofissional, que desenvolvem momentos de recreação, alegria e algumas atividades de cunho pedagógico na pediatria de alguns hospitais do nosso município.

Diante da situação de não ter encontrado classes hospitalares em nossa cidade de origem, e a fim conhecer melhor a atuação do pedagogo nesse ambiente, fomos em busca de um campo de pesquisa. Como conhecíamos o trabalho pedagógico desenvolvido no Hospital no qual a minha filha fazia tratamento de saúde, aproveitamos uma das viagens à São Paulo para acompanhar ela em consultas e exames de rotina, para apresentar o nosso projeto de pesquisa a gestão da Instituição de Ensino, tivemos a oportunidade de esclarecer a importância do nosso trabalho de campo como também da relevância das participações das pedagogas da classe hospitalar do Hospital com a nossa pesquisa, as quais nos receberam atenciosamente e se colocaram à disposição para contribuir com o presente estudo.

Previamente agendada e planejada, a pesquisa foi realizada durante três semanas, nesse período foi possível visitar e caracterizar a Classe Hospitalar do Hospital, como também realizar a entrevista semiestruturada com as pedagogas. A entrevista se deu no início do

período da manhã na própria classe hospitalar do ambulatório do Hospital, durante o horário de trabalho das pedagogas, enquanto um recebia os pacientes que estavam chegando para consulta e procedimentos médicos, a outra participava da nossa entrevista e assim vice-versa. Utilizamos um roteiro semiestruturado, pois havia algumas questões predefinidas, mas que poderia ser adaptável conforme o rumo do diálogo, toda a entrevista foi gravada por meio de um gravador de voz e em seguida transcrita, respeitando todas as falas das pedagogas.

Vale ressaltar, que as entrevistadas compreenderam perfeitamente tudo o que foi informado sobre as suas participações no mencionado estudo, e estando consciente, concordaram em dele participar e para isso assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Após a entrevista realizada, com base em fundamentação teórica e para obter objetivos específicos do presente estudo, desenvolvemos a seguinte análise de dados acerca das concepções de classe hospitalar que orientam as práticas pedagógicas: a relação do pedagogo com a Pedagogia Hospitalar, o perfil desses profissionais para atuar em classe hospitalar e limites e possibilidades das práticas pedagógicas nesse contexto.

3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

Para desenvolver nossa pesquisa, destacamos os estudos de Mutti (2016), que faz reflexões sobre políticas públicas que sustentam o atendimento ao aluno em tratamento de saúde e abre um diálogo sobre a formação dos docentes que atuam em ambiente hospitalar; Tinée e Ataíde (2012), que buscam verificar os tipos de mediações pedagógicas realizadas pelo profissional em classe hospitalar; Matos (2010) a qual discute os estudos em torno do atendimento pedagógico prestado ao escolar hospitalizado, entre outros autores que se referem à temática.

O pedagogo que trabalha em hospitais se depara com a realidade de educandos diferentes da escola de ensino regular, são crianças e adolescentes que estão passando por um tratamento de saúde, por muitas vezes sofridos e dolorosos, e por isso impossibilita as suas frequências à escola de ensino regular, correndo o risco de afetar o seu desenvolvimento integral no contexto da educação. Dessa forma, cabe ao pedagogo, em conjunto com a equipe multidisciplinar hospitalar, tentar minimizar o distanciamento desses sujeitos com o processo de ensino-aprendizagem através da interação pedagógica.

Sabe-se que é um trabalho árduo, mas ao mesmo tempo satisfatório e humanizador, pois proporcionará esses sujeitos e seus familiares a possibilidade de continuar os projetos e sonhos interrompidos durante o período de hospitalização, pois “não se deve negar o direito de sonhar a quem sonha”, Freire (1996, p. 163).

No que se refere ao atendimento pedagógico nesse contexto, Matos (2010, p. 123) ressalta:

O aluno hospitalizado requer outros métodos de atendimento, devendo esse pedagogo que vai atuar com tal criança ser flexível, comprometido, ético e principalmente possuir formação ou especialização necessária para tal atuação. A formação em Pedagogia Hospitalar faz-se necessária, pois se trata de profissionais preparados para exercerem tais funções em um contexto diferenciado da escola, o hospital. (MATOS, 2010, p. 123)

Os estudos desenvolvidos no contexto hospitalar possibilitaram um conhecimento e entendimento maior da dimensão do campo de atuação do pedagogo, permitindo afirmar sobre sua abrangência e relevância no ambiente hospitalar e em especial nas classes hospitalares. Conforme a autora Matos (2010), por muito tempo o serviço hospitalar foi tradicionalmente exclusivo aos profissionais de saúde, já nos dias de hoje, este cenário é outro, e a cada dia se torna mais evidente a importância da presença de multiprofissionais, dentre eles o pedagogo no espaço hospitalar.

Ao tratar em Pedagogia Hospitalar, o presente estudo está voltado ao atendimento pedagógico nas classes hospitalares. Compreendemos que a criação de classes hospitalares é resultado do reconhecimento formal, de que os escolares hospitalizados têm necessidades especiais educacionais durante o período do tratamento de saúde e a legislação brasileira garante os direitos que incluem a cidadania, saúde e educação.

[...] por meio da Educação permanente, dia após dia, é possível tornar humanizado o cuidado no ambiente hospitalar, em que profissionais, pacientes, familiares e a própria instituição estejam envolvidos com práticas educativas permanentes. Assim, a Educação – além de transmitir e construir o saber sistematizado – assume um sentido terapêutico ao despertar no educando (hospitalizado) uma nova consciência que transcenda o eu individual para o eu transpessoal. (MATOS E MUGIATTI, 2009, p.90).

Ou seja, as autoras compreende que o ambiente da classe hospitalar deve ser acolhedor, com uma abordagem de educação ressignificada, buscando dentro dela formas de apoiar crianças e adolescentes hospitalizados no sentido mais amplo de sua formação

pedagógica. É um espaço de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde, tal como definidos na Lei e demandados pelo direito à vida em sociedade. Esta atenção também diz respeito ao paradigma de inclusão escolar, como também contribui para a humanização da assistência hospitalar. Dessa forma, as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto, são diferenciadas da classe de ensino regular.

De acordo com Mutti (2016), alguns professores começam a trabalhar com total despreparo para exercer a função, pois este tipo de trabalho não requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica complexa que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano. Tais como:

Sensibilidade para atuar com crianças/adolescentes e famílias fragilizadas, conhecimento da realidade hospitalar e das patologias, habilidade para lidar com diferentes grupos de alunos, pais e com equipe multidisciplinar, capacidade de elaboração e estratégias didáticas para atender alunos provenientes de diversas regiões e com diferentes conteúdos escolares, abertura para o outro, independente de sua condição física, econômica e social, respeito às diferenças de etnia, raça e religião dentre vários outros aspectos que envolvem o fazer pedagógico nessas instituições. (PAULA, 2005, p. 32 e 33)

A questão é que a prática pedagógica hospitalar não é uma tarefa fácil, assim como também não é em outros espaços educacionais, incluindo a escola. Conforme Tinée e Ataíde (2012), o pedagogo, precisa estar atento as diferentes necessidades dos educandos, as diferenças entre os indivíduos e as diversas situações que vão se alterando no decorrer das aulas. Ou seja, o professor deverá se preparar para receber a criança hospitalizada e sua doença e ajudá-la, tanto no contexto educacional quanto em qualquer outra área que lhe compete. Assim, a classe hospitalar oferece além da escolarização formal, um olhar sensível sobre o escolar hospitalizado, procurando atender também às necessidades sociais e afetivas juntamente com a necessidade intelectual destas crianças e adolescentes, inserindo-as no cotidiano que é peculiar e essencial no processo de vida.

No contexto do hospital, segundo Matos (2010) cabe ao pedagogo perceber as intenções subjetivas das respostas, as necessidades do paciente e tomar a iniciativa de quebrar barreiras, transpor os muros da indiferença e deixar aflorar todo o seu afeto já que esse é um sentimento que pressupõe interação. Ou seja, no processo cognitivo também envolve o afetivo, através de relações e interações, e para concretizá-lo é preciso ter equilíbrio emocional para agir com atenção e tranquilidade.

A educação, por meio da comunicação e do diálogo, tão essenciais no ato educativo, se propõe a ajudar a criança enferma, para que imerso nessa situação que atravessa, possa seguir desenvolvendo-se em todas as suas dimensões pessoais, de acordo com Mutti (2016):

[...] a Pedagogia Hospitalar tem um grande papel na formação dos profissionais que atuam em cenário hospitalar, o qual integra a educação e saúde de maneira humanizadora e possibilita uma melhor qualidade de vida às crianças atendidas, no aspecto educacional e, até mesmo, em seu equilíbrio biopsicossocial. (MUTTI, 2016, p. 117)

Desse modo, com base na autora citada é essencial que tenhamos em mente que “sem docência, não há discência” Freire (1996, p.25). Neste sentido, Mutti (2016) aponta que se não houver uma educação de qualidade, com competência, pesquisa, respeito, criticidade, ética e construção de identidade cultural, não haverá aprendizagem, entendendo-se que esta acontece tanto para o professor quanto para o aluno. Desse modo, ser professor é refletir e dialogar juntamente com seus pares no cenário da construção dos saberes.

Após os estudos desenvolvidos e cientes de que as crianças em tratamento de saúde necessitam de um acompanhamento pedagógico qualificado e personalizado para atender às suas especificidades educacionais, o tema do artigo foi desenvolvido: Concepções e Práticas Pedagógicas em Classe Hospitalar, com o objetivo geral de compreender as concepções de Classe Hospitalar que orientam as práticas pedagógicas e para isso analisamos a relação dos pedagogos com a Pedagogia Hospitalar, identificamos o perfil desses profissionais para atuar em classe hospitalar e apontamos limites e possibilidades das práticas pedagógicas nesse ambiente.

Os dados aqui apresentados referem-se aos relatos de professoras que atuam em classe hospitalar, com formação em pedagogia, as participantes são responsáveis pelo atendimento pedagógico da Classe Hospitalar do Hospital estudado. Que por meio de uma entrevista semiestruturado, a análise qualitativa dos dados foram desenvolvidas a partir dos seguintes eixos temáticos: a relação dos pedagogos com a pedagogia hospitalar, o perfil do pedagogo para atuar em classe hospitalar, os limites e possibilidades das práticas pedagógicas em classe hospitalar. A seguir, com base na fundamentação teórica e através das falas contidas na entrevista com as pedagogas, apresentaremos nossa análise.

3.1 RELAÇÃO DOS PEDAGOGOS COM A PEDAGOGIA HOSPITALAR

A partir dos estudos realizados, analisamos que atuação do pedagogo no ambiente hospitalar tem papel fundamental, pois tem como finalidade acompanhar a criança ou adolescente no período de hospitalização oferecendo-os a vivência escolar, neste caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível. Este trabalho ainda desconhecido por grande parte da população, deveria ganhar mais atenção, principalmente em todos os locais da saúde, pois se caracteriza em um processo de inclusão escolar ofertando condições qualificadas de aprendizagem.

Conforme a entrevista realizada com as pedagogas que atuam na Pedagogia Hospitalar, é válido reconhecer que esse profissional além de ter saberes e competências específicas pedagógicas, ele precisa ter uma relação de afinidade com o ambiente hospitalar e que seu perfil atenda as demandas desse contexto, a pedagoga Carmem ela relata um pouco do início da sua trajetória na pedagogia hospitalar:

[...] eu não tinha noção do que era o trabalho, eu tive essa disciplina de classe hospitalar na graduação, mas eu não tinha noção como seria atuar na verdade, eu só sabia o teórico, a teoria. [...] mas, na verdade, ninguém trabalha aqui do nada, porque tem muitas pessoas que vem aqui e não permanece por conta da situação. A minha primeira semana foi crucial, eu entrei achei tudo lindo, maravilhoso, deslumbrante, nossa que trabalho maravilhoso! E realmente é, mas na primeira semana foi o choque, eu perdi um aluno, era um adolescente e pra mim foi bem complicado, é difícil da gente chegar assim e entender, essa doença é muito complicada. (PEDAGOGA CARMEM DA CLASSE HOSPITALAR)

Diante desse relato, compreendemos que mesmo durante a formação acadêmica da pedagoga Carmem, havendo uma disciplina voltada para classe hospitalar, a entrevistada demonstra que apenas o suporte teórico não foi suficiente para compreender o trabalho pedagógico neste contexto, considerando que a vivência é fundamental para o crescimento do profissional. Já no relato da pedagoga Aparecida, ela descreve uma relação de proximidade e afinidade com a Educação Especial e conta que sua experiência com o público da Educação Infantil sob a perspectiva da inclusão escolar lhe serviu como um suporte para atuar em classe hospitalar, a mesma relata:

[...] tive bastante crianças de inclusão nas escolas, já trabalhei com autistas, várias síndromes então eu também tenho um pouco de experiência na parte de inclusão [...] eu sabia que existia a Classe Hospitalar mas não sabia o que fazer para entrar, então eu sempre gostei de hospital, dessa área, pra mim assim caiu como uma luva, então eu disse: tô disposta sim! [...] nossa gestora me atendeu, me recepcionou, conversou comigo, me orientou, falou sobre o trabalho daqui, as coisas que acontecem e falou

se eu estava disposta realmente para este trabalho, por que mexe muito com o psicológico ne, aí falei que estava sim, que era meu sonho que eu sempre quis trabalhar em hospital. (PEDAGOGA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR)

A partir das falas das professoras, analisamos que ser um pedagogo ou pedagoga hospitalar requer superar desafios constantes e transformar as circunstâncias e situações nos níveis mais elevados de educação. Nos hospitais a proposta de ensino é diferenciada do ambiente escolar, de acordo com Mutti (2016), na sociedade do século XXI o professor precisa aprender a aprender para poder ensinar em meio a desafios, a partir de pensamentos e práticas reflexivas, que têm como princípio a formação cidadã. Ou seja, é necessário que os professores percebam que não são detentores do conhecimento teórico-prático, para que haja a reflexão sobre a ação:

Neste sentido, é indispensável compreender que ser professor é saber o porquê, para quê, quando e como aprender; é reformar nossa competência profissional a fim de ampliar e qualificar o nosso entendimento e ação sobre a práxis pedagógicas para que haja superação. (MUTTI, 2016, p. 116)

Vale ressaltar, que de alguma forma a trajetória da formação acadêmica e as experiências profissionais das pedagogas entrevistadas foram fundamentais para a atuação das mesmas em classe hospitalar. Dessa forma, esses profissionais precisam ter preparo e entender todo contexto hospitalar, para atuar com sucesso junto com aos escolares hospitalizados, oferecendo um cuidado baseado na sensibilidade, no carinho, na confiança, na competência, mas principalmente, na humanização do ensino.

3.2 O PERFIL DO PEDAGOGO PARA ATUAR EM CLASSE HOSPITALAR

O trabalho do pedagogo em classe regular torna-se diferente na classe hospitalar no que se refere à flexibilidade, de acordo com Mutti (2016) a atenção do docente precisa está voltada ao bem-estar do aluno, o seu estado geral de níveis de dor, limitações físicas, motoras e emocionais. A ação pedagógica deve ter a sensibilidade e principalmente a possibilidade de diagnosticar a realidade na qual a criança está inserida para a partir desta, propor uma organização no ensino.

Conforme o relato da professora Carmem, formada em Pedagogia e atua na Classe Hospitalar há 4 (quatro) anos, em relação ao perfil do pedagogo para atuar nesse ambiente, é interessante observar em sua fala como ela descreve esse profissional:

É realmente é muito de perfil, igual te falei, tem situação que a gente se depara que dá um choque e você que vai reagir né, como é que eu vou fazer? Então a gente observa muito isso, um jogo de cintura, esse perfil ele tem que ter muito controle emocional, é o que na verdade eu penso, eu acho que o afeto a gente tem, mas a gente tem que deixar um pouco de lado, se a gente for muito a fundo a gente não consegue fazer o nosso trabalho, se a gente for pensar na verdade no amanhã da criança a gente não trabalha, por que não sabe se ela vem né, essa que é a real. (PROFESSORA CARMEM DA CLASSE HOSPITALAR).

De acordo com Mutti (2016), os professores que atuam auxiliando na formação pedagógica desses escolares em tratamento de saúde intervêm como docentes reflexivos, isto é, como uma pessoa que nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa. Ainda segundo a autora, os pedagogos hospitalares, como todos os profissionais que atuam na área hospitalar, precisam fazer ajustes permanentes em suas ações, em tempo real, ou seja, é necessária, entre eles, a ação reflexão ação, de maneira que a aprendizagem seja significativa. Neste sentido, é possível transformar a realidade de crianças e adolescentes hospitalizados de maneira a lhes trazer mais qualidade no processo de aprendizagem.

Desse modo, as informações trazidas pela professora Carmem refletem sobre o perfil do pedagogo para atuar em classe hospitalar, trata-se de profissionais preparados para exercerem tais funções em um contexto diferenciado da escola regular. O professor, nesse caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível, que possibilitem os escolares hospitalizados usufruírem de abordagens pedagógicas que respeite as especificidades de cada criança e/ou adolescente. Por isso é fundamental que os pedagogos, pesquisem, inovem e incrementem seus conhecimentos pedagógicos afim de, desenvolver novos espaços educacionais que possam de certa forma amenizar o sofrimento desses sujeitos em tratamento de saúde e possibilitar a continuidade no processo de ensino-aprendizagem.

No relato da pedagoga Aparecida, também formada em Pedagogia e com especialização em Educação Inclusiva, ela atua há 7 (sete) meses na Classe Hospitalar, em sua fala observamos algumas situações frequentes com os pacientes e o perfil desse profissional frente à circunstância:

Então eu estou vivendo isso agora, têm meninas aqui de 20 anos, bastante tempo que trabalham nessa área. Assim, são muito prestativas, acolhedoras, elas têm perfil para trabalhar com o emocional, como lidar com as crianças, com a família, com a situação. Tem coisas que eu acabo falando umas besteirinhas aqui e a professora me corrige. Fala: Não! Olha a gente tem que tomar cuidado, falar mais ou menos assim. Estou aprendendo a me controlar nas minhas falas, para não prejudicar ou magoar alguma família né, então é isso também o perfil que eu vejo que elas são bem atentas à fala. (PROFESSORA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR)

De acordo com Fontes (2005, p.135) “o papel da educação no Hospital, e com ela, a do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida”. Matos (2010), complementa que os escolares hospitalizados precisam ser vistos como um todo, com emoções, sentimentos, com seus próprios valores e com suas potencialidades. Sendo assim, a escuta pedagógica surge como uma metodologia educativa própria do que chamamos pedagogia hospitalar.

Dessa forma, analisamos que os profissionais buscam qualidades que são fundamentais para um bom desempenho de sua atuação no contexto hospitalar. As pedagogas entrevistadas relatam algumas qualidades necessárias de um pedagogo hospitalar, a partir da vivência no cotidiano dos seus trabalhos pedagógicos. Com base em suas falas, analisamos que o perfil deve ser acolhedor e flexível, construindo novos conhecimentos que contribuam para compreensão do escolar em tratamento de saúde com aquele novo contexto de sua vida, assim possibilitando a melhora de seu quadro clínico e ofertando a continuidade do seu desenvolvimento integral.

3.3 LIMITES E POSSIBILIDADES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSE HOSPITALAR

Conforme a fala das pedagogas nos oportuniza ampliar a visão a respeito das diferentes práticas pedagógicas possíveis de serem desenvolvidas neste ambiente. A professora Carmem comenta sobre um dos projetos pedagógicos desenvolvido em classe hospitalar, e que ela considera o mais marcante em sua carreira:

Nós trabalhamos com o projeto sobre as olimpíadas, entrelaçamos com a alimentação saudável e pra mim foi super legal. Então a gente foi fazendo questionários, cartazes, fazendo com que as crianças desenvolvessem qual era o tipo de esporte que elas gostariam de fazer [...] Têm crianças aqui com braços ou pernas amputadas, mas a gente incentiva, a gente procura tirar esse medo que ela tem de

nunca mais poder fazer algo, entende! E a gente incentiva: vamos conseguir sim! E por meio de bonequinhos de massa de modelar a gente fazia também crianças em cadeiras de rodas com esportes paraolímpicos, foi o trabalho mais bonito que eu achei do tempo que eu tô aqui. (PROFESSORA CARMEM DA CLASSE HOSPITALAR).

Segundo Mutti (2016), a complexidade na construção do saber em todos os segmentos, no ensinar para esse cenário, supõe comunicação, parceria, desafio, autonomia e exercício da cidadania. Educar para o exercício da cidadania significa percorrer caminhos desconhecidos, promovendo entendimentos e perspectivas sociais e existenciais. Isto é, o professor habilitado para o trabalho com esse alunado irá intervir como mediador, em atendimento grupal e/ou individual, utilizando-se de recursos instrucionais compatíveis com as possibilidades de cada criança, colaborando para que a sua permanência no hospital seja menos frustrante.

Ao observar os escolares hospitalizados, vislumbra-se a possibilidade de atitudes éticas, as quais buscam a aprendizagem com criatividade e sensibilidade, necessárias para alcançar o cuidado humanizado. Sendo assim, podemos verificar que os atendimentos pedagógicos são fundamentados por meio da humanização, e através das atividades propostas pelo pedagogo, os escolares hospitalizados se afastavam um pouco da preocupação causada pela doença e ingressam no mundo de conhecimentos, brincadeiras e aprendizados.

No relato da pedagoga Aparecida, ela descreve um pouco da rotina das práticas pedagógicas em classe hospitalar:

A gente monta o nosso semanário, como é que vai ser desde o nosso projeto até como a gente vai aplicar as atividades, quais são as atividades, a gente traz várias ideias do grupo inteiro e a gente distribui. E as crianças que fazem acompanhamento escolar, a gente tem vínculo com a escola e a gente aplica também as atividades da escola, e aí vem as apostilas, vem prova e aí é um trabalho diferenciado que realmente é uma continuidade para as crianças não perder o ano na escola. A gente é mais flexível, na classe regular não é tanto, a atividade daquele dia é naquele dia não pode mudar e se a criança faltar aí coloca lá faltou, aqui não, aqui a gente é flexível as vezes eles não estão dispostos, eles estão sonolentos, estão medicados. E a gente não pode obrigar, e também de alguns pais que o problema é grave e eles ficam muitos chocados e ele também recusa da criança entrar e a gente não pode forçar. (PEDAGOGA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR)

Com base em Matos (2010), é imprescindível na situação do escolar hospitalizado a flexibilidade do trabalho pedagógico. Ainda de acordo com a autora, diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas, devemos ter claro que o hospital não é uma escola, e assim

o comprometimento, a flexibilidade e a sensibilidade do pedagogo hospitalar são fundamentais, uma vez que diferentes estados clínicos estão envolvidos neste processo.

Por meio desses relatos, foi possível verificar que o pedagogo da classe hospitalar deverá ter o comprometimento com práticas educativas inovadoras, levando em consideração as condições da criança ou adolescente hospitalizado, para que a aprendizagem seja desenvolvida com coerência, resgatando o prazer de aprender mesmo diante das situações adversas vivenciadas na rotina hospitalar.

Analisamos também que durante o processo de ensino-aprendizagem as práticas pedagógicas se estendem para o exercício da cidadania, porque o ato de ensinar exige uma compreensão do mundo que vai além da escolarização. Ainda de acordo com os relatos das pedagogas, é válido reconhecer que durante o seu trabalho elas desenvolvem um crescimento profissional e também pessoal, a pedagoga Aparecida conta:

Nessa área da Classe Hospitalar eu tô vivenciando muita coisa tanto profissionalmente como pessoalmente, por que a gente reclama tudo da vida e aí eu chego aqui e vejo cada história que eu digo: meu Deus eu não tenho nada né! Então essas coisas que vão mudando nossas cabeças e a gente acaba parando de reclamar, vendo a vida de outra forma, vivendo de outra maneira, [...] são coisas assim que estão mudando meu pessoal e o profissional, e o profissional como eu te falei é o amadurecer, é a fala, não que eu na tenha, mas acho que eu era muito imatura nas minhas palavras e eu acho que isso fui me aperfeiçoando bastante. (PEDAGOGA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR)

A pedagoga Carmem relata:

Eu era uma pessoa quando eu entrei aqui e hoje eu sou totalmente outra, [...] Minha mãe comenta muito isso, eu era uma pessoa muito agitada, muito nervosa, eu ainda sou um pouco, mas assim eu penso mais antes de falar, eu analiso muito antes de fazer algo, eu me sinto uma pessoa muito mais leve, muito mais flexível, por que a gente olha aqui no dia a dia, na verdade a gente tá aqui e não sabe se vai tá aqui amanhã e essa realidade a gente vivi muito aqui. (PEDAGOGA CARMEM DA CLASSE HOSPITALAR)

Conforme destacam nas falas das pedagogas, o crescimento profissional caminha junto com o crescimento pessoal e influencia diretamente um ao outro, a atuação dessas profissionais na classe hospitalar envolveu de forma direta o resultado do seu aperfeiçoamento pessoal, conhecimento, competências e habilidades. Os desafios de seus trabalhos estimularam o crescimento um comportamento e pensamento positivo de suas vidas.

No contexto desafiador do ambiente hospitalar, segundo Mutti (2016), a Pedagogia Hospitalar contempla uma educação que atende ao escolar em tratamento de saúde em sua plenitude por ser um momento em que a criança passa por grandes desafios e dificuldades para se adaptar à nova realidade, ou seja, ao tratamento hospitalar que, por vezes, compromete o seu estado biopsicossocial. Sabe-se que o período de hospitalização é doloroso para pacientes e suas famílias, assim, amenizar o sofrimento causado durante o tratamento médico é possível ao se tomar medidas que façam com que os profissionais que lidam com os pacientes os enxerguem integralmente, ou seja, de forma física, psicológica, cognitiva, afetiva e socialmente.

Quanto os maiores limites para atuar em classe hospitalar a pedagoga Carmem relata: “O desafio eu acho que é mais o luto, a gente lida muito com o luto, às vezes pode até não parecer, mas é muito”.

A pedagoga Aparecida aponta:

É o psicológico, porque na escola regular a gente cansa fisicamente e aqui é mentalmente, a gente lida com luto, com crianças deficientes. porque se eu deparo por exemplo com uma criança que tirou os olhos e se eu não consigo olhar pra ela, então não dá para eu trabalhar aqui né. Então se você não tem estrutura para ver essas coisas, você não consegue. (PEDAGOGA APARECIDA DA CLASSE HOSPITALAR)

Segundo Mutti (2016, p. 151), “no cenário da educação, para a transformação é imprescindível nos emocionarmos com os sentimentos alheios para podermos entender o que está sendo narrado pelos diferentes olhares”. Ou seja, o pedagogo hospitalar é preciso superar diariamente os desafios presentes no contexto hospitalar, diante de qualquer realidade que venha a ser exposta, o profissional deve ser pleno.

Com base em Matos (2010) neste ambiente devemos ter clara a noção da perda, dos conflitos sociais, as questões socioeconômicas e culturais, o professor precisa manter o equilíbrio psicológico frente às diversas circunstâncias dos tratamentos de saúde das crianças. Isto é, “no hospital se trabalha diariamente na luta entre a vida e a morte, o corpo pode estar doente, mas a mente é sã, portanto, não se detêm o sonhar, o fantasiar e se planejar a vida que ficou do lado de fora”, Matos (2010, p. 49)

Ciente que, o próprio ambiente hospitalar desenvolve sentimentos de medo da morte, aflição pela doença, entre outras emoções negativas relacionadas à hospitalização. A Pedagogia Hospitalar vem como uma forma de minimizar os efeitos negativos do quadro

clínico e psicológico do escolar hospitalizado, uma vez que, ajuda na sua estabilidade emocional, na continuidade de seus estudos para que ele não fique defasado. A Humanização precisa ser demonstrada nas atitudes de todos os profissionais que integram a equipe multidisciplinar, incluindo o pedagogo, visando à recuperação desses escolares. Ou seja, os professores intervêm como mediadores do conhecimento, como docentes reflexivos⁶, para uma educação que é fonte de promoção do desenvolvimento humano, cultural, social e econômico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente artigo, nosso objetivo geral foi de compreender as concepções de Classe Hospitalar que orientam as práticas pedagógicas nesse contexto, e a partir dos estudos teóricos e das entrevistas com as pedagogas algumas considerações são pertinentes nessa pesquisa. Observamos que hoje a educação ultrapassou os espaços escolares de ensino regular, novas frentes educacional se formam devido às necessidades especiais dos educandos. Embora nem sempre visto como prioridade pela sociedade, o atendimento escolar em ambiente hospitalar é de grande relevância.

Compreendemos que na Pedagogia Hospitalar o desenvolvimento integral de cada educando é uma das atribuições principais dos pedagogos. Dessa forma, ao atuar em ambiente hospitalar, esses profissionais contribuem para a formação dos escolares hospitalizados na dimensão de cidadãos críticos, éticos e participativos, que poderão atuar ativamente na sociedade. Assim, podemos considerar a importância da classe hospitalar, pois ela é um ambiente planejado, estruturado e capacitado no qual oportuniza esse desenvolvimento.

Apesar da conquista desta nova área de atuação, o pedagogo deve estar consciente de que atuar em classe hospitalar se trata de uma proposta diferenciada da realidade da classe regular de ensino, pois trabalha de forma personalizada e flexível, levando em consideração aspectos do contexto hospitalar. É necessário que este profissional além dos saberes pedagógicos, tenha habilidade e perfil adequado para se trabalhar nessa área, adaptando-se as especificidades desse ambiente.

⁶ A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhes são exteriores. É central nesta conceptualização, a noção profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa. (MUTTI, 2016, p.107 e 108)

Analisamos que as práticas pedagógicas são embasadas pela teoria, pois percebemos encontros entre as falas das pedagogas entrevistadas com os estudos do referencial teórico dessa pesquisa. Como também elas são respaldadas pelas leis vigentes em nosso país, fazendo valer o direito ao acesso à educação que cada brasileiro possui, dessa forma contribuindo para a recuperação e desenvolvimento integral de cada educando hospitalizado.

A ação pedagógica desenvolvida em classe hospitalar desempenha um importante papel, sendo fundamental que essa intervenção esteja sob o cenário de humanização. Fazendo a integração entre a escola e o hospital, entre saúde e a educação, sob os fundamentos humanizador, da perspectiva da educação e do cuidado, com o propósito de ajudar na promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes hospitalizados.

Atuar em Classe Hospitalar é uma proposta diferenciada e desafiadora, mostra também a grande responsabilidade da prática pedagógica nesse contexto, onde atividades e objetivos atingirão um público específico. Exige um projeto, planejamento e propostas de desenvolvimento para além da escolarização, de modo que contribua com a formação integral dos escolares em tratamento de saúde. A prática pedagógica em Classe Hospitalar nos remete a uma nova reflexão de ensino e requer uma formação específica, pois a realidade que o docente das classes hospitalares enfrenta é muito diferente da realidade das aulas nas escolas de ensino regular.

Desse modo, os cursos de formação docente devem ampliar os conhecimentos dessas especificidades. Levando em consideração a realidade da nossa formação acadêmica, identificamos que o Curso de Pedagogia da UFAL precisa investir ainda mais acerca da Pedagogia Hospitalar. Como também se percebe que talvez algumas unidades hospitalares do nosso município não entenderam a necessidade de manter seus pacientes pediátricos conectados com a escola, precisam ser alertadas para a relevância desse atendimento pedagógico na recuperação desses sujeitos.

Sendo assim, considera-se que este trabalho possa contribuir para futuros estudos, sugerimos pesquisas que contextualizem criticamente a realidade da formação docente para atuar nesse contexto, pois há uma necessidade de reestruturação curricular dos cursos para que o saber pedagógico se vincule ao ambiente hospitalar. Como também, se faz necessários estudos que analisem o distanciamento entre as pesquisas e as leis construídas em relação à criação de classes hospitalares em nosso estado, Alagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução n. 41/95, 19 de outubro de 1995. **Diário Oficial. Seção I, p. 163/9-163/20**. Brasília. Disponível em: <http://www.mprs.mp.br/infancia/legislacao/id2178.htm>. Acesso em: 01 abril. 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>. Acesso em 11 de abril de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

FONTES, Rejane de S. **O Desafio da educação no hospital**. Presença pedagógica, vol. 11, n. 64, jul-ago, p.21-28. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/60/odesafiodaeducacaonohospital.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36°. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e a pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2018.

MUTTI, Maria do Carmo da Silva. **Pedagogia Hospitalar e Formação Docente: A Arte de ensinar, amar e se encantar**. 1º Ed.- 216p, Jundiaí, Pacto Editorial: 2016.

PAULA, Ercília Maria Angeli Texeira de. **Educação, diversidade e esperança – A práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11070/1/Tese%20Ercilia%20de%20Paula.pdf> Acesso em: 05 de maio, 2018.

TINÉE, C. A.; ATAIDE, S. P. **A atuação do pedagogo em Classes Hospitalares.**

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em:

<<http://www.iparadigma.com.br/bibliotecavirtual/items/show/144>>. Acesso em: 25 de abril, 2018.